

M - 385

Rubem Braga 30/8/69

Faço Questão do Córrego

Môça me telefona dizendo que tem de escrever um trabalho sobre crônicas e cronistas e me pede umas idéias. Estou fraco de idéias no momento. Ela insiste; quer saber, por exemplo, alguma coisa sobre a posição do cronista dentro da imprensa. A imagem que me acode é prosáica demais para que eu a transmita à môça. Dentro da engrenagem do jornal ou da revista moderna o cronista é um marginal; é como um homem de carrinho de mão, um «burro-sem-rabo» dentro de uma empresa de transportes.

Assim pelo menos me sinto eu, com esta minha velha alma galega, quando me ponho a trabalhar. Às vezes a gente parece que finge que trabalha; o leitor lê a crônica e no fim chega à conclusão de que não temos assunto. Erro dêle. Quando não tenho nenhum frete a fazer, sempre carrego alguma coisa, que é o peso de minha alma; e olhem lá que não é pouco. O leitor pensa que troço com meu carrinho vazio; e eu mesmo distarço um pouco assobiando; mas no fim da crônica estou cansado do mesmo jeito.

A grande vantagem do leitor é que êle pode largar a crônica no meio, ou no começo, e eu tenho de ir tocando com ela, mesmo sentindo que estou falando sozinho. Ouço, em imaginação, o bocejo do leitor, e sinto que êle me põe de lado e vai ler outra coisa, ou nada. Que me importa: tenho de escrever, vivo disso. Mal. Está claro que não vou fazer queixas, e pode ser que me paguem mais do que mereço; em todo caso é sempre menos do que careço. Nós, da imprensa, deviamos fazer como o pessoal do rádio: arranjar patrocinador. Não há por aí um fabricante de pilulas que queira patrocinar um cronista sentimental? O leitor acabaria não lendo as crônicas, mas sempre engoliria as pilulas.

A esta altura vocês já devem estar desconfiados de que hoje não estou nada bom. E têm a razão: confesso humildemente que estou com a chamada cachorra. A expressão é antiga, e não é bonita; mas eu é que não vou procurar outra. Ouço a cachorra uivar dentro de mim; vou consultar o Prudente de Moraes Neto, que é autor de um poema sobre o assunto. Falar nisso, um amigo me disse que outro dia encontrou o Prudentinho com seu guarda-chuva na Rua da Candelária. Fica-lhe a bem, ao Prudente, a Rua da Candelária. Calha-lhe a moldura ao homem, que é um paisano arceprestal.

Mas por que dão nomes de homens às ruas, e não nomes de ruas aos homens? Eu acho que daria uma travessa triste, mas movimentada, como aquelas perto do Mercado; ou então uma rua qualquer de subúrbio, meio calçada meio descalça, que começa num botequim e acaba num capinzal, e tem um córrego do lado.

Faço questão do córrego.

DN - 30.8.69